

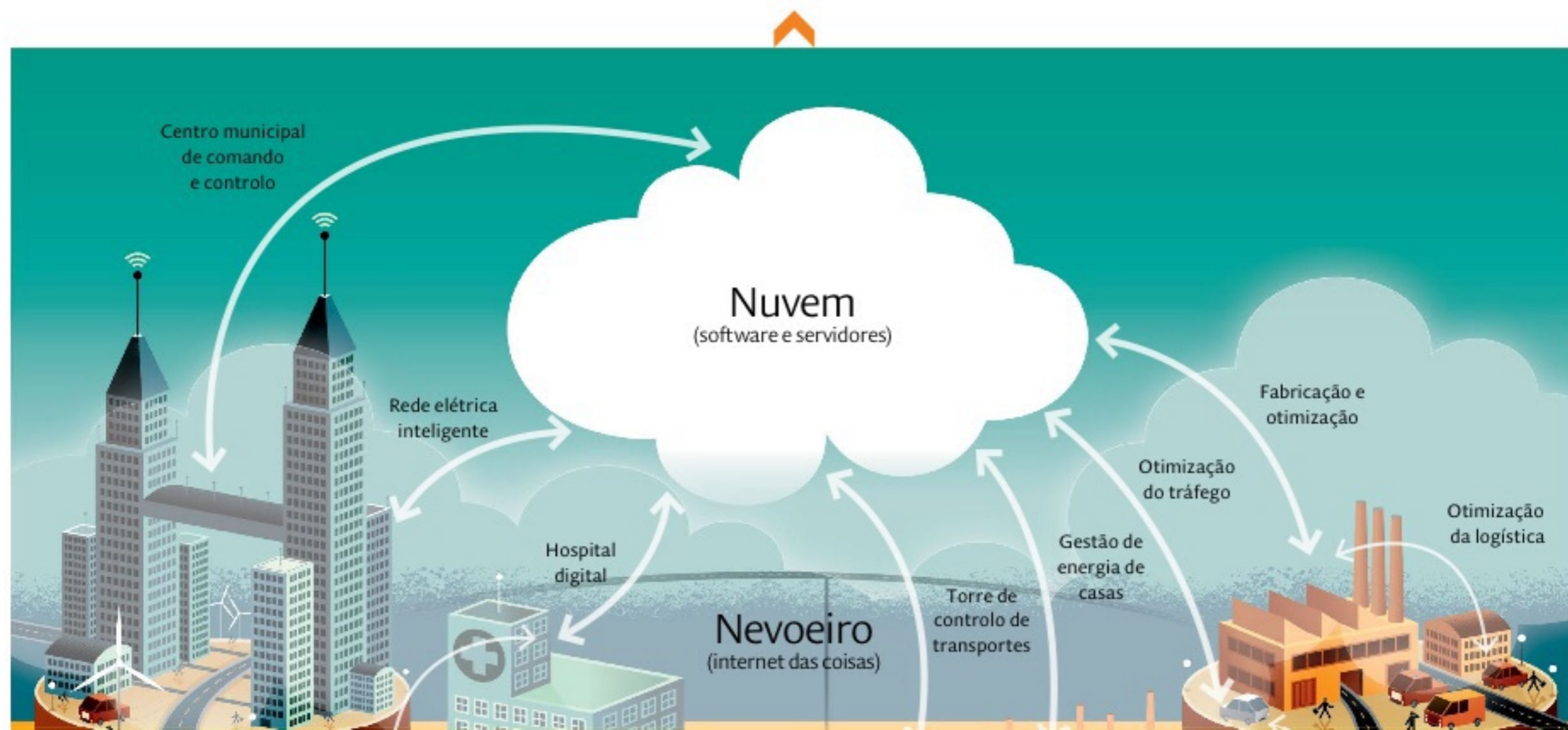
O 'nevoeiro' de informação que está a invadir as nossas vidas

Helder Antunes lidera consórcio OpenFog que une multinacionais da internet das coisas

A meteorologia está a servir de inspiração às tecnologias de informação para lançar conceitos. A imaginação

das empresas do sector não para. Depois da computação na nuvem (*cloud computing*) se ter tornado familiar, sur-

giu recentemente mais uma expressão relacionada com a atmosfera, o *fog* (nevoeiro), que promete fazer escola.



Fog computing é a designação que tudo indica poderá substituir ou ser um sinónimo da expressão menos apelativa *Internet of Things* (IoT), ou internet das coisas. Pelo menos é o que pretende o OpenFog Consortium, uma coligação sem fins lucrativos criada por pesos pesados da indústria como a ARM, Cisco, Dell, Intel, Microsoft e também pela universidade americana de Princeton. “Queremos criar uma arquitetura comum para a computação distribuída com base em tecnologias standard para que haja interoperabilidade, ou seja, para que as aplicações de diferentes fabricantes ‘falem’ umas com as outras”, refere Helder Antunes, presidente da Open Fog Consortium. Este português, que reside no Silicon Valley e também

é vice-presidente da multinacional Cisco, salienta que o consórcio também quer resolver não só as questões técnicas (falhas na qualidade de serviço) como também vai ter uma palavra a dizer nas questões de segurança, privacidade e conformidade que esta nova área vai desencadear na sociedade.

Helder Antunes, que foi um dos principais impulsionadores da criação do consórcio, passou recentemente por Lisboa para apresentar o OpenFog num evento internacional sobre internet das coisas no Dubai. “Estamos a evangelizar o mercado e a fazer contatos com outras grandes empresas das áreas de tecnologias de informação e comunicações e em universidades para que o consórcio OpenFog tenha



PORTUGUÊS À FRENTE DE PROJETO PIONEIRO

“Há muitas plicações da internet das coisas que é preciso criar. É uma grande oportunidade para as startups portuguesas”

Helder Antunes
Presidente do OpenFog Consortium

Fundo de €46 milhões para startups lusas

Helder Antunes está a desenvolver contactos em Portugal e no Silicon Valley para a constituição do Navigator Technology Fund, um fundo luso-americano de 50 milhões de dólares (€45,7 milhões) vocacionado para apoiar o arranque de startups tecnológicas sedeadas em Portugal. O gestor português, que é atualmente vice-presidente da Cisco, prevê que o fundo tenha uma duração de 12 anos e irá incluir investidores institucionais e individuais e fundos de fundos dos dois lados do Atlântico. “Existem grandes




ÁREA DE FUTURO
100

aplicações verticais ainda estão à espera de ser resolvidas pelas tecnológicas envolvidas na internet das coisas

2

mil milhões de dólares é o montante investido em 2015 pelo capital de risco em *startups* com projetos na área da internet das coisas

a maior representatividade possível”, revela Helder Antunes.

Oportunidade para inovar

O objetivo deste consórcio é criar tecnologia aberta nas áreas de redes, armazenamento de informação, que permita potenciar a internet das coisas. Uma área que começa a ter grande impacto na vida das pessoas e das empresas. No próximo ano, segundo refere a consultora Gartner, existirão 6,4 mil milhões de ‘coisas’ ligadas, 30% mais do que em 2015. E que em 2020 serão perto de 21 mil milhões de objetos. Toda esta informação a circular vai provocar um ‘nevoeiro’ que vai gerar em 2016 um enorme negócio de serviços (instalação, software, redes) que a mesma empresa de es-

tudos de mercado estima vai cifrar-se em 235 mil milhões de dólares. “É uma excelente oportunidade para as *startups* portuguesas desenvolverem produtos inovadores para o mercado mundial”, alerta Helder Antunes, referindo que existem muitos buracos negros e mais de 100 aplicações verticais e problemas de interoperabilidade no ecossistema da internet das coisas que precisam de ser resolvidos e que são oportunidades para as *startups*.

Outro estudo da Gartner revela que só nas cidades inteligentes existirão em 2016 mais de 1,6 mil milhões de coisas ligadas à internet através de sensores. Só a subárea dos edifícios inteligentes vai ter 518 milhões de coisas ligadas em 2017. A consultora estima que também vai haver grande crescimento

nas habitações (mil milhões de coisas ligadas em 2018), nos transportes públicos, na saúde e nos serviços públicos.

Dinheiro não vai faltar para desenvolver projetos porque as grandes multinacionais da área tecnológica têm fundos disponíveis e as empresas de capital de risco estão a canalizar elevadas somas para *startups* nesta área. Segundo a CB Insights, especialista em estudos de mercado sobre empreendedorismo, até ao final do corrente ano deverão ser investidos a nível mundial 2 mil milhões de dólares em novas empresas com projetos inovadores na internet das coisas. E adianta que os investidores que estão a ter os bolsos mais fundos para apostar em *startups* nesta área são a Intel Capital e a Qualcomm Capital.

JOÃO RAMOS

